



A Guerra Civil Espanhola (1936-1939)

CMG (Refº) Aguinaldo Aldighieri Soares

Minha inspiração para escrever este artigo foi motivada por três fatores: várias visitas a diversas regiões da Espanha durante as quais aprendi a admirar esse país, suas gentes e sua diversidade cultural; uma conversa com um ex-piloto de aviação de caça da Itália que combateu por dois anos na Espanha; e várias conversas com um amigo espanhol que lutou na guerra civil em apoio à República apesar de não ser comunista ou anarquista.

Antecedentes

Em 1930 o governo da Espanha era uma ditadura militar com a aprovação do Rei Alfonso XIII. Em abril do ano seguinte realizaram-se eleições gerais com a vitória da esquerda republicana nas principais cidades. Foi proclamada a 2ª República e o Rei abandonou o país. Instalou-se o Parlamento com maioria de representantes dos partidos de esquerda; foram nomeados

os novos Chefes de Estado e de Governo e promulgada uma nova constituição.

O país estava dividido, o que levou a novas eleições em fevereiro de 1936, nas quais a esquerda conseguiu 47,1% e a direita 45,6%. Foi constituído o governo da "Frente Popular" com todos os ministros filiados à esquerda. O novo governo afastou de cargos em Madri vários generais antirrepublicanos: Franco para as Canárias, Mola para Navarra, Godeu para as Baleares, e deixou outros sem comando. Em consequência, em março, dez generais reuniram-se em Madri e acordaram organizar uma rebelião militar para derrubar o governo da Frente Popular. Assim, desde o final de abril o General Emilio Mola assumiu a liderança do grupo, com Quartel-General (QG) em Pamplona, e passou a emitir instruções para o golpe. Os comandantes e oficiais de muitas guarnições militares comprometeram-se com a sublevação, menos Madri, Catalunha, Andaluzia e Valência. Em suas diretrizes, Mola recomendava que os comandantes sublevados implan-



Início da guerra - julho de 1936

tassem o “Estado de Guerra” nos territórios sob sua jurisdição e assumissem o controle de todos os serviços civis, mesmo com violência, para que os indecisos decidissem a quem apoiavam. Nesse mesmo mês de abril, iniciou-se uma sucessão de greves organizadas pelas entidades anarquistas, o que levou as organizações de direita a formar milícias e a propor um Golpe de Estado militar. Verificava-se anarquia nas ruas e violência política, com choques e mortes entre a direita e as milícias da esquerda. Aumentou o apoio da opinião pública ao golpe militar em preparação.

Voltando no tempo, impõe-se um registro histórico: em 1912 a França e a Espanha haviam criado dois protetorados no Marrocos, que perduraram até 1956: o extremo norte sob domínio espanhol e o restante do território marroquino sob controle francês. Durante o Protetorado, o Exército espanhol criou unidades militares denomina-

EVOLUÇÃO DA GUERRA

- Zona sublevada inicial - julho 1936
- Avanço dos sublevados até setembro de 1936
- Avanço dos sublevados até outubro de 1937
- Avanço dos sublevados até novembro de 1938
- Avanço dos sublevados até fevereiro de 1939
- Última zona sob controle republicano
- Principais centros dos sublevados
- Principais centros republicanos
- Batalhas terrestres
- Batalhas navais
- Cidades bombardeadas
- Campos de concentração
- Massacres
- Campos de refugiados

das “regulares”, com voluntários marroquinos e, a exemplo da França, organizou, em 1920, a *Legión Española* (com mercenários estrangeiros).

No início do período do Protetorado ocorriam frequentes combates com facções nacionalistas marroquinas, por isso as unidades militares ali baseadas constituíam a mais experimentada tropa do Exército; os militares com tempo de serviço no Marrocos fizeram carreiras mais rápidas do que as de seus colegas na Península Ibérica. Assim, como Franco serviu no Protetorado durante mais de dez anos, chegou a General de Brigada, em 1926, com apenas 33 anos e a General de Divisão em 1934.

A Guerra Civil

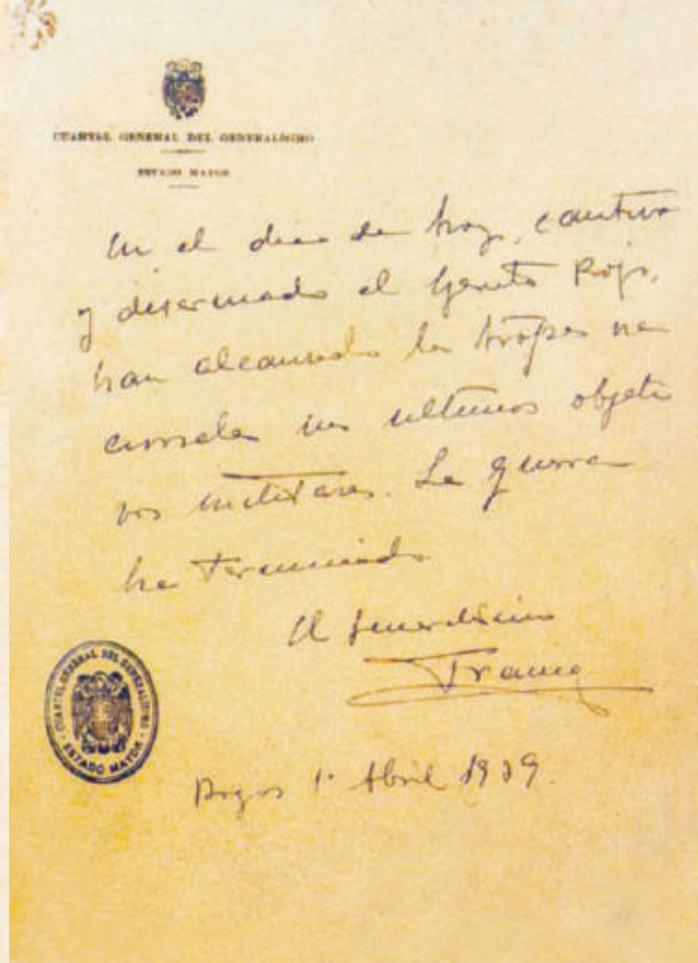
Em 14 de julho de 1936, o General Mola fixou no dia 18 a data do início da sublevação. No dia 17, Franco deslocou-se de Tenerife para Las Palmas. Ali, no dia 18, sua esposa e filha voaram para Paris e ele embarcou num avião que já o esperava, com destino a Tetuán, a capital do Protetorado marroquino, onde chegou no dia 19 e assumiu o comando do “Exército da África”.

Mas em *Melilla*, no Protetorado, no dia 17, uma reunião de oficiais sublevados decidiu prender e fuzilar o General Comandante da cidade, o Delegado do Governo e o Prefeito, que se opunham ao levante. Proclamaram o “Estado de Guerra” e informaram aos demais sublevados.

Nos dias seguintes, o levante ampliou-se para as Canárias, para as Baleares e para a Península Ibérica como programado.

Quando Franco chegou a Tetuán, já havia sido iniciado o transporte de tropas do Protetorado para Cádiz e Algeciras, na Península, em pequenas embarcações e por uma ponte aérea improvisada, o que era insuficiente para o traslado dos mais de trinta mil homens das tropas africanas. Por isso, Franco enviou emissários a Roma; eles entrevistaram-se com Mussolini no dia 22 e, no dia 27, doze aviões bombardeiros italianos chegaram ao Marrocos. Eles neutralizaram os navios da Marinha espanhola obedientes ao governo da República que tentavam bloquear o Estreito de Gibraltar para impedir que navios com tropas cruzassem o Estreito. Outros emissários de Franco encontraram-se com Hitler no dia 25, o que acarretou o pronto envio de vinte aviões de transporte alemães ao Marrocos, aumentando a quantidade de tropas levadas à Península. Desde então, nos três meses seguintes, os sublevados receberam regularmente, da Alemanha e da Itália, armamento, munições, peças de artilharia e quinzentas toneladas de petrechos diversos.

No dia 19, um dia após o início do levante, o Governo da República decidiu entregar armas aos partidos de esquerda e às organizações de trabalhadores; em consequência, constituíram-se milícias armadas e os comitês sindicais substituíram os mecanismos do poder público. Eles eram autônomos e sem limites, e comandaram exe-



Franco declara o fim da guerra

cuções indiscriminadas de “fascistas” por tribunais revolucionários.

As forças republicanas conseguiram sufocar o levante em Madri e nas grandes cidades da metade leste do país – Barcelona, Valência, Málaga, Bilbao – além da franja cantábrica, pela atuação das milícias recém-armadas de socialistas, comunistas e anarquistas, e das forças policiais.

O General Mola, partindo de Pamplona, não encontrou resistências para tomar toda a Navarra, além de *Irún* e *San Sebastián* na *Guipúzcoa*. As guarnições de Oviedo, Burgos, Salamanca, Zamora, Segovia e Ávila sublevaram-se sem oposição. Em Valladolid houve alguma resistência. Cádiz, Sevilha, Córdoba e Granada foram dominadas mas com resistência sangrenta às tropas africanas.

Em 23 de julho o General Mola criou uma “Junta de Defesa Nacional”, com sede em Burgos, constituída por sete generais, a qual assumiu todos os poderes de Estado.

O início da guerra fez aflorar os ódios incubados ao longo dos tempos. No território controlado pela República foram assassinados todos aqueles classificados como inimigos, os quais eram buscados mesmo em suas casas, e os religiosos foram perseguidos. Na zona sublevada, o ódio somou-se à estratégia de difundir o terror através de uma feroz repressão. Uma das suas melhores armas era o terror propagado pela violência atribuída

aos mouros e legionários. Eles praticaram o sistemático extermínio das milícias de esquerda e de todos aqueles suspeitos de simpatia pela Frente Popular. Nos dois lados havia juízos sumários e fuzilamentos; cerca de cinquenta mil pessoas foram executadas pelos oponentes, inclusive vários generais! Uma das diretrizes do General Mola dizia: “deve-se advertir os tímidos e indecisos de que quem não está conosco está contra nós, e como inimigo será tratado”.

No final de julho, os sublevados, também denominados “nacionalistas”, controlavam cerca de metade do território espanhol: o terço norte da Península – menos a franja cantábrica –, várias cidades da Andaluzia, todo o Protetorado marroquino, os arquipélagos das Canárias e das Baleares. Na Península Ibérica, os cerca de 130 mil efetivos do Exército e os trinta mil homens da Guarda Civil dividiram-se em partes quase iguais; mas essa igualdade era desequilibrada em favor dos sublevados pela tropa vinda do Protetorado (quarenta mil homens), equipada e adestrada. Eram combatentes profissionais contra milicianos indisciplinados e sem preparo militar! Setenta por cento dos oficiais e graduados do Exército aderiram à sublevação. No território sob controle da República, havia falta de unidade de comando e deficiência de oficiais.

No início de agosto, uma tropa africana de quinze mil homens avançou pela Estremadura em sentido norte; tomou Mérida e Badajoz e encontrou-se com a tropa sublevada vinda da Navarra em sentido sul. Tiveram sempre superioridade aérea propiciada pelos aviões italianos e alemães. Em 7 de agosto, Franco instalou seu QG em Sevilha (Andaluzia) e, em 26 de agosto, em Cáceres (Estremadura).

Nesse mês de agosto Mussolini enviou uma tropa de doze mil italianos, motorizada, denominada *Corpo Truppe Volontarie* (CTV) e Hitler, 24 aviões com profissionais de apoio.

A pedido do governo republicano, em setembro, Stálin ordenou ao *Komintern* organizar o envio de voluntários à Espanha, os quais formariam as “Brigadas Internacio-

Moeda espanhola da era franquista



nais”. O recrutamento e organização inicial das “Brigadas” ficaram a cargo do Partido Comunista Francês, em Paris. Os voluntários, cerca de 35 mil, sem formação militar, sem armas nem equipamentos, vieram de mais de cinquenta países mas a maioria (dez mil) era francesa. O centro de treinamento na Espanha foi estabelecido em Albacete, onde, a partir de outubro, constituíram-se cinco brigadas.

A Junta de Defesa Nacional reunida em Salamanca, em 21 de setembro, nomeou Franco como *Generalísimo* – Comandante dos Exércitos. Em

nova reunião, no dia 28, ela decidiu implantar um comando único, militar e político; Franco foi confirmado como *Generalísimo*, Chefe do Governo e Chefe de Estado. Em 1º de outubro, em Burgos, ele assumiu seu novo cargo: **Chefe de Estado de uma Monarquia!** Burgos passou a ser a capital administrativa e legislativa e Salamanca a capital política e militar, sede do QG de Franco. Ele passou a adotar o título de *Generalísimo Francisco Franco – Caudillo¹ de España por la Gracia de Dios*.

A partir de 15 de outubro começaram a chegar a Cartagena os equipamentos militares enviados por Stálin: centenas de aviões e blindados, mais de mil canhões, toneladas de munição, milhares de fuzis e metralhadoras, além de combustíveis, uniformes e rações. Chegaram também mais de dois mil pilotos, técnicos e assessores militares (agentes da NKVD, a polícia secreta soviética). Em novembro, o governo da República transferiu-se de Madri para Valência, decidiu unificar a direção da guerra e incorporar as milícias às Brigadas Internacionais.

De novembro a fevereiro de 1937 desenvolveu-se uma longa batalha para a conquista de Madri. A defesa da capital passou a contar com as Brigadas Internacionais e com unidades de tanques soviéticos T-26 comandadas por um general russo. Até então a defesa da cidade estava a cargo das milícias anarquistas, socialistas e comunistas; elas tinham espírito combativo mas quase nenhuma preparação militar e sem comandantes com experiência em combate. Os sublevados contavam com blindados

¹ caudillo = ditador



Tanque soviético T-26 usado pelos republicanos

italianos, baterias antitanques e artilharia pesada. Mas a frente de combate estabilizou-se. Com o insucesso do ataque, Franco decidiu postergar a conquista de Madri.

Em fevereiro de 1937, as tropas italianas conquistaram Málaga com o apoio da artilharia de dois cruzadores sublevados. No final de março, o General Mola iniciou a campanha pelo controle total do norte a fim de ter o domínio sobre os recursos minerais e industriais do País Basco. Ele comandava uma tropa de 28 mil homens, inclusive com italianos. Já controlava a *Guipúzcoa* e agora avançava sobre a *Viscaya*, a Cantábria e as Astúrias.

A pequena Guernica foi fortemente bombardeada pela aviação alemã em 26 de abril. Em junho, Mola morreu em acidente aéreo; Franco deixava de ter seu principal concorrente pela liderança dos sublevados.

Apesar da forte resistência republicana, a grande cidade industrial de Bilbao, capital da *Viscaya*, foi conquistada em junho após pesados bombardeios aéreos e de artilharia.

Durante dez dias em agosto travou-se a Batalha por Santander. A capital da Cantábria já estava sem víveres e combustíveis devido ao bloqueio naval da Marinha su-

blevada. O Exército baseado no País Basco rendeu-se às tropas italianas. Em outubro, os sublevados realizaram a ofensiva para a completa conquista das Astúrias pois sua capital, Oviedo, já era controlada pelos nacionalistas desde o início da guerra. Gijón caiu com carência de alimentos e materiais. A cidade abrigava trezentos mil refugiados das zonas controladas pelos sublevados. Enfim, todo o Norte estava sob o controle dos nacionalistas. Para receber a grande quantidade de presos republicanos foi necessário implantar um campo de concentração em Miranda de Ebro com assessoria das SS nazistas!

Os nacionalistas haviam fundado o Partido Único em agosto de 1937; seus estatutos estabeleciam que o *Caudillo* só era responsável perante Deus e a História, a ninguém mais!

Em novembro, o governo republicano transferiu-se de Valência para Barcelona.

Franco formou seu primeiro governo em 30 de janeiro de 1938 e implantou um arremedo de constituição inspirada na *Carta del Lavoro* italiana.

No início de março, os sublevados iniciaram uma ofensiva sobre Aragão; um mês depois as tropas che-

garam ao Mediterrâneo, dividindo em duas partes o território republicano.

De julho a novembro desenrolou-se a sangrenta Batalha do Rio Ebro, vencida pelos sublevados, e Franco decidiu reduzir a participação das tropas italianas. Em um desfile em Barcelona, em novembro, as Brigadas Internacionais encerraram sua participação na guerra e Franco assegurou à Grã-Bretanha e à França que manter-se-ia neutro numa provável guerra na Europa.

Ao final de dezembro de 1938 os nacionalistas iniciaram uma ofensiva contra a Catalunha; ela foi facilitada pela superioridade aérea baseada na aviação italiana e na Legião Condor alemã.

Barcelona foi tomada pelos nacionalistas, sem resistência, no final de janeiro de 1939, completando a conquista da Catalunha. Franco cancelou sua autonomia administrativa e proibiu o uso e o ensino da língua catalã. Autoridades civis e militares republicanas cruzaram a fronteira francesa assim como o resto das tropas da República; estes depunham as armas e eram internados em acampamentos improvisados até mesmo nas praias francesas. Estima-se que quatrocentas mil pessoas pediram refúgio à França no início de 1939, mas muitos preferiram refugiar-se no México. O meu amigo espanhol disse-me que, ao cruzar a fronteira da França, cada refugiado espanhol recebia um pão baguete e um *Laissez-Passer*, documento que lhe permitiria circular no território francês!

No início de março muitos dos governantes republicanos abandonaram a Espanha, inclusive o Presidente da República. No dia 28 as tropas nacionalistas tomaram Madri e, em sua ofensiva final, ocuparam quase sem luta toda a região centro-sul do país.

Enfim, no dia 1º de abril, a Rádio Nacional, controlada pelos nacionalistas, divulgou o último comunicado da guerra, manuscrito e assinado por Franco: “No dia de hoje, cativo e desarmado o exército vermelho, alcançaram as tropas nacionais seus últimos objetivos militares. A guerra terminou. *El Generalísimo* – Franco – Burgos, 1º Abril 1939”.

Acontecimentos em paralelo

Para a URSS, a Alemanha e a Itália, a guerra civil na Espanha foi um terreno de provas de seus novos equipamentos bélicos e táticas de combate, cujos desempenhos seriam valorizados na 2ª Guerra Mundial, ocorrida em sequência.

Na guerra predominaram as ações terrestres. Não houve confrontos navais importantes, apenas alguns combates, em 1936, pelo bloqueio/desbloqueio do Estreito de Gibraltar. A maioria da oficialidade naval era partidária da sublevação mas vários navios não conseguiram operar devido a rebeliões das praças, favoráveis à República. A Base Naval de Cartagena foi controlada por adeptos do



Bombardeiro alemão da Legião Condor

governo da República, mas sem grande participação no conflito. A Marinha sublevada teve importante apoio do principal estaleiro naval, em *El Ferrol*, na Galícia (cidade natal de Franco).

O governo da República financiou a guerra com as reservas de ouro do Banco da Espanha, sendo 510 toneladas enviadas à URSS e 174 toneladas vendidas ao Banco da França. Os nacionalistas obtiveram créditos da Itália e da Alemanha, pagando-os em parte com a exportação de alimentos e minerais; a Texaco e a Shell venderam-lhes derivados de petróleo a crédito durante todo o conflito.

A ajuda soviética foi decisiva na defesa de Madri, em novembro de 1936. O México apoiou a República de forma diplomática e militar, tendo enviado milhares de rifles e munições.

Alemanha e Itália apoiaram os nacionalistas desde o início da guerra. Esse apoio foi vital para permitir o traslado das tropas baseadas no Marrocos para a Península Ibérica nas primeiras semanas do conflito. O regime salazarista de Portugal permitiu que os sublevados usassem suas rodovias, ferrovias e portos, para comunicar a região norte com a Andaluzia.

Eventos do pós-guerra

Em 1969 Franco nomeou como seu futuro sucessor na Chefia do Estado o Príncipe Juan Carlos de Borbón, neto do Rei Alfonso XIII. Poucos dias após a morte de Franco, em 1975, Juan Carlos I foi proclamado Rei da Espanha. ■